

Um festival a leste da espuma dos dias

Um dos mais interessantes festivais de cinema emergentes no país, o BEAST, focado nas cinematografias e contracurvas da história da Europa de Leste, dá cartas no momento em que o calendário assinala o 3.º aniversário. Uma programação refrescante que se inicia amanhã e decorre até 6 de Outubro, no Porto.

Francisco Noronha

Outubro
Uma relação “proibida” entre um universitário africano, negro, e uma russa, branca, grávida e sem saber o que fazer à vida: um filme angustiado, poética da incerteza num estupendo preto e branco por Abderrahmane Sissako



Tem sido discreto o percurso do BEAST no panorama português dos festivais de cinema, talvez porque, tendo realizado a sua primeira edição em 2017, surgiu num momento em que o seu *leitmotiv* - as cinematografias do Leste Europeu - não podia estar menos “in” (e continua a estar muito pouco “in” quando colocado em perspectiva com os assuntos quentes do momento). Talvez por isso - ou também por isso, decididamente - é que a sua programação se revela uma das mais estimulantes no actual circuito de festivais, todos eles com as suas valências e idiossincrasias, é certo (especialmente para espectadores fora do circuito estritamente cinéfilo, convém ter presente), mas enredados numa lógica de saturação e de “evento” que os acaba por atirar para uma certa indiferenciação. Ao centrar-se num horizonte geográfico específico, com questões políticas e culturais anciãs, o BEAST vira a câmara para outro lado: o que se passa, afinal, a leste do paraíso? Movimento, aliás, com a virtude adicional de conferir visibilidade a autores e filmografias que nem sempre têm a atenção devida, mesmo no circuito cinéfilo e des festivais. É essa carência que a proposta, rica e original, vem contrariar, das secções competitivas (ficção, documentário, experimental) ao país

em foco (Lituânia), da homenagem a Jonas Mekas à mostra *Cinegeografia Socialista*, entre outras possibilidades de escolha. De entrada gratuita na Casa das Artes, esta última é um dos *must-see* da edição, fazendo confluír assuntos ainda muito pouco debatidos: as relações entre a URSS e os Estados africanos independentes saídos da luta anti-colonial e as imagens - o cinema - produzidas nesse interstício.

Um copo de leite no kolkhoz

Num tempo em que os estudos académicos pós-coloniais têm feito escola e muitos dos seus protagonistas ganham expressão na esfera cívica e política, muito pouco conhecimento tem sido produzido e discutido, tanto na academia anglo-saxónica como nos próprios países do antigo bloco socialista, em torno do modo como estes últimos se aproximaram - paritariamente? Interesseiramente? - dos Estados africanos na sequência dos processos de libertação. *Tito em África* (*newsreel* montado pelo Museu da Jugoslávia e pela associação Filmske novosti; passa a 3 de Outubro), *roadshow* do estadista jugoslavo no contexto do por si co-fundado Movimento dos Não Alinhados, e *A Nossa África* (Alexander Markov, 2018; no mesmo dia) fazem uso de imagens da

A mostra *Cinegeografia Socialista* é um dos *must-see* desta edição, fazendo confluír assuntos ainda pouco debatidos como as relações entre a URSS e os Estados africanos independentes saídos da luta anti-colonial

propaganda que pretendia montar uma narrativa de amizade e cooperação com as nações africanas mas que, sobretudo, no caso do filme de Markov (apetece dizer: um autêntico *feel-good movie* em que a URSS se assemelha ao mais feliz dos campos de férias do mundo), acabam a dar tiros nos próprios pés (o “nossa” do título do filme já diz muito).

É isso o mais fascinante nas imagens de *A Nossa África*, o modo como, involuntariamente, se auto-sabotam (isso e a ilustração de todo um outro mundo, um exclusivamente decidido por homens em acérrima competição pelo maior número de cigarros fumados): são os soviéticos, invariavelmente, que ensinam os africanos, nunca o contrário; os negros, sempre sorridentes e amestrados, são décor sem voz, mero receptáculo de lições (engenharia, agricultura, etc.).

“Há uma visão paternalista. Não é propriamente uma relação colonial, mas há uma relação hierárquica. E acho que essa é a grande diferença para o que o Tito tentou fazer, e que depois Ceausescu [ditador romeno] replicou. Tito tentou fazer a solidariedade, em que as relações são mais igualitárias, de aprendizagem mútua, e não tanto a cooperação, na qual existe uma relação hierárquica”, aponta Iolanda Vasile, co-organizadora da mostra e investigadora ro-

mena da Universidade de Coimbra à beira de concluir um doutoramento sobre o papel das mulheres nos movimentos de libertação angolanos. Iolanda refere, aliás, que, “se olharmos para os acordos bilaterais de cooperação entre a Roménia e os países africanos, há um interesse em extrair matérias-primas a preços módicos. Havia, de certa forma, esta ideia de aproveitamento, que penso que era transversal à URSS”.

O mauritano-maliano Abderrahmane Sissako, um dos mais importantes cineastas em actividade e que ainda recentemente assinou o magnífico *Timbuktu*, tem em *Rostov-Lunda* (2 de Outubro), comovente périplo autobiográfico em busca do paradeiro de um amigo que é também um tratado sobre a história recente de Angola, e *Outubro* (no mesmo dia) dois dos filmes mais marcantes da mostra, em ambos se abordando o fenómeno dos jovens africanos (como o próprio Sissako) que, ao abrigo dos protocolos instituídos nas lógicas de cooperação, foram enviados para a universidade de Moscovo e de outras cidades soviéticas. Uma relação “proibida” entre um universitário africano, negro, e uma russa, branca, grávida e sem saber o que fazer à vida: *Outubro* é um filme angustiado, poética da incerteza num estupendo preto e branco (há um único plano “a cores”: é com ▶



Tito em África
Newsreel montado pelo Museu da Jugoslávia e pela associação Filmske novosti, um roadshow do estadista jugoslavo no contexto do Movimento dos Não Alinhados



A Nossa África
O filme de Alexander Markov faz uso de imagens da propaganda oficial da URSS que pretendia montar uma narrativa de amizade e cooperação com as nações africanas

A programação do BEAST é uma das mais estimulantes no actual circuito de festivais, todos eles com as suas valências e idiossincrasias, é certo, mas enredados numa lógica de saturação e de “evento” que os acaba por atirar para a indiferenciação

ferramentas na mão!”.

Não estritamente sobre as relações entre o bloco soviético e os países africanos mas filmado pelo jugoslavo Zdravko Velimirovič, *O Tempo dos Leopardos* (1985; passa a 1 de Outubro), obra escassamente vista em Portugal, é um importante documento de que pouco ou nada se fala quando se pensa em filmes sobre a guerra colonial portuguesa. Frágil pelo *acting* por vezes embaraçoso (compreensível: todos os actores não-profissionais), denota, porém, uma *mise-en-scène* e um trabalho de câmara estimuláveis (a que se junta um uso acutilante da banda de som), com algumas cenas excelentes (logo o *travelling* lateral inicial ou as cenas de convívio e dança no matto).

“Há um problema sério no filme e que talvez passe à margem do espectador português: a narrativa do que é ser moçambicano é retratada como sendo a luta armada conduzida pela Frelimo, como se não tivesse havido outro tipo de experiências e resistências. Não se ouve falar do papel das igrejas na mentalização política, não se fala dos presos políticos, de outras lutas clandestinas”, observa Maria Paula de Meneses. Em qualquer caso, um filme humanista, bem complexo nas entrelinhas, jogo de espelhos (à dupla militar portuguesa opõe-se a dupla moçambicana e um episódio marcante de uma infância mítica unindo uns e outros) que recusa um maniqueísmo fácil (o que, se hoje parece corajoso, ainda mais o terá sido à época): brancos e negros, portugueses e moçambicanos, há-os aqui de toda a espécie, bondosos e justos, violentos e desleais (o protagonista que dá título ao filme dirá, como Mandela, que a futura nação moçambicana não será um Estado para negros, mas para todos, brancos e negros), não deixando de aludir ao papel das mulheres moçambicanas no conflito. Com todas as suas fragilidades, é, com *Rostov-Luanda*, uma das pérolas a não perder no festival.

► sangue...) tão devedora da escola soviética como da *nouvelle vague* francesa. Maria Paula Meneses, investigadora moçambicana na Universidade de Coimbra e que durante 6 anos estudou na ex-URSS ao abrigo do mesmo programa, reconhece no filme uma história semelhante a tantas outras que viveu de perto.

“Por um lado, havia problemas com as famílias dos russos. Mas também acontecia o contrário: normalmente, os estrangeiros tinham mais dinheiro do que os russos. Por isso, havia o desejo de chegar a nós, que trazíamos os bens de prestígio de fora, como os jeans. E também havia situações ‘malvadas’: vários dos meus colegas voltaram para casa e a mulher russa e o filho ficaram para trás. Havia mães russas que não tinham capacidade para suportar os filhos e os entregaram ao orfanato... Por isso é que hoje, sobretudo na ex-RDA, há uma data de jovens à procura dos pais. Têm um nome, uma fotografia e andam à procura. Mas também há famílias que perduraram. Neste momento, há segundas gerações de africanos na Rússia”.

Quando todas as semanas nos chegam notícias de mais um cântico racista de uma claqué russa contra um jogador negro (inclusivamente da sua equipa), que tipo de reacção existia,

afinal, por parte dos soviéticos perante a chegada destes estudantes? “É preciso ver que, por aquela altura, três quartos da população russa eram camponeses vindos de ‘onde Judas perdeu as botas’. Eram camponeses que nem sabiam bem como viver em São Petersburgo, porque vinham da Sibéria, da Rússia profunda, era uma população rural e sem conhecimento. A certa altura, fomos visitar um *kolkhoz* e havia uma senhora velhota que todos os dias, durante o mês, convidou o Hermínio, um amigo nosso, que era o mais escuro de nós, para beber leite em sua casa. Nós até dizíamos: ‘O que é que ele tem que nós não temos?!’. No fim, o Hermínio aparece todo chateado porque se tinha ido despedir e a senhora lhe tinha dito com a maior das boas vontades: ‘Dei-te tanto leite e tu não ficaste mais claro!’. Lembro-me de estar a falar com um colega do Congo e de chegarem uns sobrinhos de uma colega russa e de lhes ouvir uma frase que nunca mais esqueci: ‘Olha, está ali um macaco. E fala russo’. Era este o nível de desinformação e de racismo primário. São Petesburgo já era outro mundo, ia no comboio a discutir com as pessoas a situação política em África. A primeira vez que ouvi falar em Chinua Achebe foi com um senhor russo que estava com uma mala de

HOUSE OF FUN

THE HOUSE WHERE YOUR FUN BEGINS

yann tiersen
29 setembro - campo pequeno
30 setembro - coliseu do porto ageas

NICK MURPHY
FKA CHET FAKER RUN FAST SLEEP NAKED
LIVE IN CONCERT 2019
LISBOA COLISEU 1 OUTUBRO
PORTO COLISEU 2 OUTUBRO
SPECIAL GUEST cleopold
NICKMURPHY.COM Vodafone FM

Belle and Sebastian
6 Novembro
Aula Magna

Devendra Banhart
15 Fevereiro - Hard Club, Porto
16 Fevereiro - Capitólio, Lisboa
New Album Me já disponível

METRONOMY
METRONOMY FOREVER
EUROPEAN TOUR 2020
17 MARÇO
COLISEU LISBOA
metronomy.co.uk @metronomy Vodafone FM

BILHETES À VENDA EM BLUETICKET.PT, FNAC, WORTEN, EL CORTE INGLÉS E NOS LOCAIS HABITUAIS

HOUSEOFFUN.PT

